**Transcrito por:** Mariana Rosa Morêto

**Arquivo:** STE-003\_25out2013

*(Durante a transcrição do arquivo existem pessoas que falam com o microfone muito afastado fazendo com que o volume fique muito baixo ou o colocam muito próximo deixando o som abafado e dificultando a compreensão de algumas palavras ou trechos.)*

**P/Pessoa não identificada –** E sempre tem que estar presente. E também na pesquisa apareceu isso, ah... Você vê que esse estava mal na foto. Eu não vejo que esse problema é pessoal, vamos dizer assim, e da direção atual e passada da SPI. Eu acho que temos que ver que essa característica, como eu falei, o orçamento ele é instrumental, é obrigatório, dia a dia. A (Luciana?) da Assecor foi embora, mas a Edna tá aqui, que também trabalhava lá, mas assim é o inferno. Toda hora entra alguém querendo uma coisa, liga, tudo mais... Então assim, com isso que eu estou falando é o seguinte, que o volume de informação sobre o ministério passa por ali obrigatoriamente. E não é só o processo, muitas vezes tem que o despacho *(ininteligível)*, não alguém tem que... Não, é mais ou menos isso ali, o cara vai se introduzindo... O cara é chamado em reuniões da área da secretaria para falar lá. Área de planejamento, gente boa, assinou isso né, como eu falei com vocês que *(ininteligível)* lá, alguma coisa. E eu como trabalhei no Ministério em área de planejamento, e sei disso. Na integração nacional, na época dos problemas prioritários no avança Brasil, era mais ou menos um PAC um pouquinho reduzido, mas assim, também passava o fluxo, de certa forma passava a discussão por lá, com a SPI. Então é o seguinte, isso que eu vou colocar... As inserções da área de planejamento dos ministérios que estão inseridos no PAC da vida, ou ainda em dois mil nos prioritários, você tinha essa inserção. Você acabava indo lá, discutindo, pelo menos na minha época eu pegava isso ai, mas a maioria que eu to fora, ele não tem esse curso que passa. Por isso que assim, fazendo um leque com o que o Marco falou aqui, é muito importante, principalmente o conhecimento da política publica da área de característica para a área de planejamento. O orçamento acaba não sendo, o orçamento acaba sendo a visão do instrumento, o cara entendendo que, qual crédito é possível, então o cara ia buscar para esse lado né. Qual é o crédito que é possível, e que não é? Bem, como eu vou concluir meu tempo... Bom, então tem essa inserção diferente de um e de outro que faz a diferença. E ai a gente fala, como melhorar essa relação, né? Só a PCI. Eu acho que primeiro a gente tem que pensar que são formas de relações diferentes porque as institucionalidades são diferentes, as funções dentro do ministério, e a própria função de SOF E SPI também é diferente. O Rafael falou alguma coisa que eu acho muito importante, por quê que a partir de algum momento caiu a visão instrumental e passou a ser de conteúdo? E ai com isso, o planejamento do ministério ficou fora. Se a gente pegar os grandes programas ou políticas públicas, tempos em execução né, hoje a gente vê muito pouco participação na formulação. E eu digo programa de transferência de renda, bolsa família, e o PAC, educação. Por quê? Porque a visão instrumental ela não basta. Eu acho que a gente tem que ir um pouco além dessa visão instrumental. Se isso acontece com a SPI e com a SOF, com setoriais muito mais ainda. Porque planejamento, por exemplo, não... Orçamento em si ele insere uma técnica em si. O planejamento não tem várias técnicas. E a utilização dela, inclusive estão nas finalistas e não nas STOS, então gente, para terminar exatamente na minha hora, faltam dez segundos aqui, eu acho que essa repercussão que eu queria colocar, porque eu fiquei muito preocupado com, eu não tenho respostas para essas perguntas que estão colocando e vou ver como provocação, tá? Obrigado senhores.

(Pessoa fala fora do microfone, dificultando a compreensão)

**P/Robson Rung** **–** Agora vou passar para o Luis Fernando, ele atualmente está na coordenação geral de planejamento do Ministério da Saúde e até a ordem aí de 2004.

**P/Luis Fernando –** Boa tarde, primeiro agradecer a Assecor e ao Eduardo pelo convite para estar aqui (ininteligível), porque normalmente a oportunidade que a gente tem para discutir é só dentro da nossa sala, então conseguir passar para algumas pessoas eu acho gratificante. De começo os senhores vão me desculpar, o professor Marcos falou que a gente precisa ter o sentido coorporativo, de criticar... Eu infelizmente nasci sem isso, meu sentido coorporativo é o \_\_, então eu me sinto a vontade aqui para fazer critica, porque eu acho que o nosso papel como o servidor é esse mesmo*.* Nós somos muito bem pagos e não precisamos ficar pensando o que a instituição vai pensar, o que os nossos chefes vão pensar. Bom, mas ai, também só em minha defesa no sentido de auto defesa também é mútuo, então nesse caso eu consigo ter esse comportamento nas instituições que eu passo também. E ai, só como provocação, vou passar bem rápido, de uma maneira assim, bem pragmático e cartesiano, tentando abordar isso ai como melhorar as relações. e eu vou falar principalmente da área de planejamento que é onde eu estou. Pode passar, por favor. Primeiro só aguardar um pouquinho o contexto. Na minha visão pessoal, só que assim, é uma visão pessoal compartilhada com muitos colegas, que talvez em conversas particulares a gente sabe que tem essa visão, mas as vezes uma apresentação no contato institucional não vai poder falar isso. Desestruturação total de sistema de federal de planejamento. Ai eu coloco alguns fatores... O primeiro eu atribuo um pouco pegando o que o Pedro Noblat falou, eu acho que tem muita discussão existencial sobre a nossa carreira, mas o fato é que nós temos que entregar alguns documentos, estado de constituição... Ai então, nós temos que desenvolver tecnicamente alguns instrumentos sendo que a área de planejamento, basicamente o PPA. Tem lá previsto também na nossa carreira, o desenvolvimento, planejamento condicional, mas essa ainda não está bolada. Então, para ser bem pragmático, a gente precisa fazer um PPA o melhor possível, no meio de todo esse contexto político, que a presidência não da valor para planejamento, que atravessa, o ministério de planejamento tem os seus problemas, mas o fato é que o nosso encarregado, temos que nos preocupar em fazer um bom PPA, e ai eu vou descordar um pouco, porque assim, o PPA atual, modelo atual, é muito ruim, não é assim “ah tem vários modelos, tem várias metodologias” tem várias, só que o atual não tem nenhuma. Então fica difícil, como é que você vai, como papel do órgão central, que é orientar técnica e normativamente os órgãos setoriais, se você enxerga algum plano que ninguém entregar uma metodologia, como é que ele foi construído, realmente fica difícil... E ai, eu não vou abordar muito essa metodologia, mas isso é como eu enxergo. E ai é natural o distanciamento do órgão central dos setoriais quando você não tem o que passar. E ai o que acontece? Se a metodologia é ruim, e ai eu digo assim, órgão setorial com esse afastamento do órgão central, o órgão setorial, quem está no setorial sabe, a área de planejamento precisa de um suporte para trabalhar com a decisão. E na verdade a gente não tem. Quando você tem a metodologia, eles precisam que você enquadre isso em alguma coisa, e a gente não tem. Então por exemplo, eu acho um retrocesso muito grande no PPA atual, que a gente fala novamente com nossa linha de planejamento para fazer entregas. Quando a gente já avançou, já tinha avançado em resultados para em falar em projetos para resultados. Então assim, em alguma medida para a nossa área, para analista de planejamento e orçamento, eu entendo que o rigor técnico, metodológico, na área de planejamento é importante. É lógico que há fator político, mas, lembrando que tem que ver sempre uma tensão entre o fator político e o fator técnico, nosso papel como servidor e se fosse para simplesmente... Sem as decisões políticas não precisava de carreira. Então *(ininteligível)*. E ai, então só para provocar sobre esse modelo, é uma coisa, planejada porque por problemas é importante. E isso, eu acho que é a visão que o PPA perdeu, por isso eu falo, eu acho que é ruim por causa disso, ele perdeu essa ideia de que você precisa planejar, identificar problemas, e vai planejar para resolver problemas. Saber qual é o problema importa, e pensando também no plano federal, saber qual é o seu problema, que alguns problemas o rebatimento é lá no município, então você não tem todas as ferramentas, na hora que você for fazer o seu planejamento, você tem que conseguir delinear a sua atribuição e saber qual é o seu problema na esfera federal, e conseguir colocar isso no plano. E ai a gente fala, “ah o planejamento é constante” é constante. Não tenho duvida disso. Mas a formalização do plano é um momento em que alguns atores, ou certos atores, determinados atores, firmaram o compromisso, e isso é importante também, porque o que está na cabeça das pessoas ninguém sabe. Não adianta falar que o processo de planejamento é importante, porque importante também é o plano que foi formalizado, porque ali realmente está em acordo, que virou lei, e as pessoas conseguem pôr para frente, vamos realizar todo ano? Vamos. Mas o plano tem que ter um valor, porque a gente não consegue firmar acordos sem uma formalização envolvendo todos os atores que o PPA envolve, para você ter um PPA. Então assim, só para dar alguns exemplos ilustrativos de como eu enxergo o retrocesso, apesar que o modelo não era uma maravilha, tinha uns avanços para serem feitos, mas essa foto emprega, é algo do tipo assim, eu comentei com o Ricardo aqui, mas eu acho que ele já foi embora. Eu tenho, eu gostaria de passar no concurso público. Ai tá, meu objetivo é passar no concurso público. Aí parte da minha estratégia é fazer um cursinho, ai eu faço um plano e eu acompanho se eu paguei o cursinho ou se eu fui na aula. Ninguém sabe se eu passei, se eu não passei, qual foi minha nota... E a gente aceita esse planejamento assim. A gente não tem nenhuma técnica para dizer, “não, esse plano precisa mostrar onde eu quero chegar, esse plano precisa ter resultados” mas o plano não tem nada disso. Na saúde a gente está lá, você fica doido acompanhando 200 metas para falar que entregou mil (BS) mil e duas (BS?) E daí?? Qual que é a diferença? Se eu entreguei mil ou mil e duas metas, isso é prestação de conta. Isso não é planejamento. E outra, na atenção básica, não é o governo federal que resolve o problema. Ai tem um problema de repassar, financiar, e isso eu não enxergo em plano nenhum. Eu estou 25 anos para regulamentar o que o SUS prevê, e o nosso plano não apresenta nada. Então que plano é esse? E eu acho que o PPA não gostou nada disso, o modelo anterior tentava, falava que era para resultado, em algum momento... E a gente tinha uma pressão, sempre passava coisas políticas por cima, mas o fato, o retrocesso que eu digo é o seguinte, a gente tinha uma metodologia para se apoiar, discussões técnicas, eu passei por isso, tinha os setoriais, tinha que ir na SPI, e a gente ia lá, objetivo, metas, fazia modelo lógico, programas, e o que era que não tinha tanta força política a gente conseguia filtrar. Hoje não existe, se alguém chegar lá na coordenação de área de planejamento, falar que quer uma meta no PPA, que ele vai fazer um seminário, ele vai entrar como meta. Você não tem ferramenta nenhuma para falar que não vai. “Não fulano, não entra na metodologia...” Que metodologia? Não tem metodologia. Então esse, quando você fala assim de melhorar relações setoriais, eu acho que o órgão central de planejamento primeiro tem que ter uma bagagem do que quê ele vai passar. Aquele lá previsto no três mil cento e oitenta, orientação técnica, ele precisa aprimorar isso. E ai é uma coisa que eu acho, que eu já estive na SPI, passei quatro anos lá, depois passei para... O segundo setorial que eu tomo, que eu acho que às vezes quem está na SPI, não tem dimensão do papel que ela tem no órgão central. O apoio que ela precisa dar para as áreas de planejamento. E muitas vezes ela passa inclusive por cima, ela tem uma estratégia de ir lá direto na área setorial. E ai fica... A gente fica vendido. Você sabe do acordo que fez lá, não, cobrei não sei o que e tal... Beleza. Você sabia que tem o setorial aqui? Tem telefone, tem CPF... Então assim, são tipos de estratégia que, se for pensar em sistema de planejamento... Pode passar... Bom ai é só uma questão de que esse modelo no meu modo de ver, ele supervaloriza a concepção política, planejamento, que é evidente que tem como nos próprios planejamentos sempre tem, mas ele desvaloriza de forma assim, evidente em comparação das dimensões técnicas, metodológicas e normativa. Aí eu acho o nosso papel como carreira, é forçar essa (trança?) né. Se for só para ter decisão técnica não precisa da gente. E ai talvez esse seja um sentido um pouco corporativista. Pensa um pouquinho, a gente precisa existir por algum motivo. E ai é um pouco de ambiente, todo mundo já passou não vou falar por isso, mas acho que realmente com 40 ministérios e essa pulverização toda, é difícil a coordenação. Pode passar, por favor. Aqui também é uma provocação, porque uma coisa que incomoda, eu acho que é para a gente que está na área, é que você vai aos eventos, e você vê a SPI falando, você está dizendo que fez o plano mais estratégico. Nunca se discutiu estratégia nos planos anteriores, agora sim a gente fala com a sociedade, que assim, no meu modo de ver é uma grande bobagem. Se você pegar os PPA’s anteriores tinha discussão estratégica nunca foi bem comunicada, isso é verdade como continua não sendo. Mas se você for pegar os itens, que seriam os itens gerenciáveis do plano e for comparar com o modelo anterior, na verdade esse plano mais estratégico eu ainda estou para entender, onde que ele ficou mais estratégico. Hoje você criou cincoprogramas temáticos, 65 programas temáticos, que você poderia associar com função orçamentária. Natureza que foi de agregação e poderia associar com função... Mas não tinha... A função orçamentária não era um atributo do plano interior, então por isso não comparei. Mas aqui são comparados os problemas, que tinham 204 problemas finalísticos, poder executivo, passamos para 491 objetivos, uma variação ai, aumentou 140 por cento. Indicadores eu tinha 576, passei para 753, e ai o problema de meta também que o plano era muito frágil conceitualmente. Até hoje eu estou para entender a diferença de iniciativa para ação orçamentária conceitualmente dizendo. A meta, quando fala que é medida do alcance do objetivo, eu comparo com aquele índice percebido do indicador, que eu tinha no plano anterior, quer dizer, medida do alcance do objetivo onde eu vou chegar, e ai então se eu for comparar assim, eu passei de 576 que era aquele índice perseguido, que era o índice que chegava no final do plano, que hoje eu também não tenho. Quer dizer, eu tenho um plano que não diz para onde eu vou, o que quê ele quer alcançar... Male, male ele fala que ele vai entregar alguma coisa, quando a gente fala em plano, pensando em resultados, que a gente queria empregar com a sociedade toda que realmente está comovida, tá quebrando tudo, quem emprega, quer bom serviço, quer bom resultado e nosso plano não acompanha isso. E se for comparar a ação finalística, que tinha no plano discriminado, tinha uma regra de corte, que o PPA 2008-2011 fez, você vai comparar... Eram mil trezentos e oitenta e sete ações finalísticas e passei para duas mil quinhentos e trinta e cinco iniciativas. Então eu preciso que alguém me explique onde que ele fica mais estratégico, porque eu não entendi. Pode ser falha minha, mas... Pode passar. Bom, então, algumas premissas né, porque você vai pensar em melhorar a relação de um sistema... Primeiro é reconhecer a existência e a relevância do sistema federal de planejamento. Eu estou provocando aqui porque nós do setoriais nos sentimos abandonados pelo órgão central. É muito difícil você ver a SPI passar lá quando a gente precisa de um suporte... Bom, reconhecer, porque é papel do órgão central de orientação normativa e supervisão técnica, e isso pressupõe que eles desenvolvam isso. Que tenham alguma técnica por trás disso. Queria reconhecer também a importância de planejamento e a formulação de plano. Não é porque plano virou lei e depois foi difícil, a realidade não comporta, realmente não comporta, que o plano não tem importância... Pode passar, por favor. Bom, resgatando aquilo lá, então como ter a necessidade e a obrigação de desenvolver técnica e metodologicamente em planejamento, e tempo. A gente está na área de planejamento e sabe que existem várias técnicas e que a SPI precisa dar o suporte a esse planejamento. Também não tem como cada um ser autônomo e se especializar, isso pode ser uma coisa sistematizada. A gente tem que ter maior conhecimento na área de planejamento, e valorizar o papel profissional do PPA, essa discussão de que o plano não serve para nada, um pouco é, tem todo esse fator político, não vou ignorar, mas tem alguma coisa que o senhor não sabe. Tanto na carreira quanto na formulação dos instrumentos. E vai tentar fazer o melhor instrumento para *(ininteligível)*. E ele nessa importância de integração, no critério orçamento de gestão, porque ele só vai ser valorizado, né, é aquela coisa: Se eu não ponho na prateleira, não vale nada. Quer dizer, ele só vai ser valorizado quando a gente conseguir estabelecer essa ligação que realmente veio em um ciclo, foi previsto, foi negociado, foi para o congresso, e a política publica esta sendo auto (decisiva?). E o que não é competência da união fica claro, qual que é o papel que a união esta desempenhando, parar de fantasiar que a gente faz algumas coisas que a gente não faz. E ai para finalizar, então eu coloco como desafio, considerando essa mesa (comemorar?), é resgatar o suporte técnico metodológico de planejamento, que a gente volte a falar em alguma... Que tenha alguma metodologia, alguma discussão técnica por trás disso que é o que vai dar suporte para a gente, para a gente falar que a discussão é só política, pode esquecer. Não existe carreira de planejamento orçamento para só fazer o que o político manda. Tem que ter alguma ciência atrás disso, se não, não precisa da gente. Eu acho que isso é tão evidente, tão... Bom, redefinir o modelo de gestão no plano, porque esse plano não tem responsáveis por nada né, não tem como você atribuir gestão, você não tem responsável por idéia, responsável por objetivo ao ministério, quer dizer, está tudo diluído. Racionalizar o ciclo de gestão e qualificar demandas, aí tá associado com todo esse desenvolvimento, saber as demandas que são feitas, para que vai usar, quem vai usar né, dentro de qual ciclo de decisão ou de prestação de conta. Ai sim valores da interlocução de setoriais do planejamento, que eu acho que faz todo mundo, parte, e eu to falando só de carreira na área de planejamento mesmo. Você precisa ter uma interlocução boa para o órgão central *estar* orientando os órgãos setoriais, e fortalecendo os órgãos setoriais, para que algumas coisas eles possam barrar lá, de que sejam qualidade. E por fim ai são algumas visões que eu imagino que tenha que avançar e falando de planejamento de forma mais abrangente, falando em avançar de forma territorial. E recuperar aquilo que a SMA por um breve período foi, talvez não seja SMA num outro formato, mas que é a pré-avaliação do projeto. Por que isso eu acho que é uma atribuição afastada do projeto. Se você está dizendo que quer qualificar investimentos, se eventualmente for montar uma carteira de projetos e fazer cenários, projeções, planejamento, é obvio que você tem que analisar planejamento. Não da para ser hoje, que você perde o custo total, data de inicio, data de termino e data de orçamento. Para depois de dois anos do PAC, falar assim “poxa, os projetos estão ruins” coisa que a SMA já falava lá em 2007. Eu já sabia que os projetos eram ruins, e eles estavam lá a mais de um ano para arrumar. Mas ai o que acontece, é o tempo político não consegue esperar, mas nova, o papel da associação, o papel da nossa carreira é brigar para que isso funcione. Desculpem as minhas provocações, mas é isso. Obrigado.

**P/Robson Rung** **–** Eu agradeço e parabenizo todos os integrantes da mesa, infelizmente o tempo está realmente apertado né, tem só mais sete minutos aqui de sobra. Se alguém quiser fazer alguma pergunta, alguma consideração fica aberto, ou então a estratégia da mesa anterior que é um vinculo...

**P/Leandro Couto –** Boa tarde e desculpe, eu vou prever falar em cinco minutos para deixar dois (risos). Só fazer alguns comentários, assim, eu acho que uma tensão, eu tava pensando nessa, vim especialmente para ouvir essa mesa porque to chegando em uma função da SPI que vai ser responsável justamente por fazer essa articulação no ministério de segurança *(ininteligível)* e para falar e enfim, espírito aberto certo? Minha intenção era começar assim “concordo com tudo que vocês disseram e tal”, mas infelizmente não é isso assim, eu tenho discordâncias praticamente todos. Eu acho que eu vi uma tensão que a gente precisa superar, uma coisa que me incomoda é uma fala dizer assim um pouco fica a cargo do analista, sabe? Botar... Culpabilizar o analista pela chegada ao setorial. Eu acho que isso a gente tem que superar sabe. Porque a gente entra em um discurso de nível político contra o nível burocrático que é ruim para a gente. É um pouco também o que eu notei nessa ultima fala *do* Luis aí*.* A gente tem que esperar esse debate, esse debate é falso. De que há uma burocracia que impede o avanço da política, eu acho que em geral, pelo menos ele não é 100 por cento verdadeiro sabe? Quando a gente diz “olha, o analista precisa ir logo” ele não precisa ter mandato para isso, ele precisa ter comando. Se ele não tiver comando ele não vai, certo? Isso é verdade, então não adianta a gente dizer que gerou um *(ininteligível)* você dizer, olha você tem que se mexer na cadeira e ir procurar um órgão. Se eu não tiver o comando, não vai. Não vai. Eu acho que o que a gente tem que pensar aqui nas nossas discussões é como que a gente contamina isso por baixo, certo? Agora, vou em uma reunião e por baixo eu tento convencer a instituição de que isso é importante. É um pouco... Eu acho que a minha fala inicial ontem da abertura, foi um pouco tentar revelar isso, porque há algumas coisas que a gente tem pensado no âmbito da associação que a gente começa a ser ouvido por dentro das instituições. Eu acho que isso, esse sentimento é importante, certo? Eu acho que, assim como teve criticas ao modelo anterior, e ele viuo modelo PPA anterior e viu que é possível avançar, eu vejo esse modelo PPA atual e digo, é possível avançar. Não preciso desconstruir todo ele para mostrar que é possível avançar. Eu acho que é possível avançar a partir de onde estamos sem necessariamente voltar a um debate do passado, certo? É possível a gente chegar hoje e fazer avançar do ponto que está, assim como era possível fazer avançar do ponto que estava em 2008. Avançou-se, fizemos algumas escolhas, eu me sinto totalmente confortável por falar delas, porque eu estava lá. Fizeram algumas escolhas, umas eu acho positivas, outras nem tanto, mas acho que o relevante é olhar para esse plano e dizer é possível avançar, e aproveitar uma provocação do Rafael, que ele apresenta aqui que é o seguinte, fazer avançar isso, mas fazer avançar de maneira colaborativa com os setoriais, certo? Eu acho que essa provocação eu vou levar lá para tentar contaminar por dentro. Vamos fazer uma discussão do próximo plano, envolvendo os setoriais, eu acho que é uma provocação válida, que leva. Ontem eu fiz uma outra provocação aqui também, você não estava ontem para relatar, eu perguntava assim “o fortalecimento do planejamento é pela gestão?” eu não acho que seja pela gestão, eu acho que o fortalecimento do planejamento é pela articulação, é pela coordenação que envolve esse conteúdo, certo? E envolve enfim, principalmente esse direcionamento, esse comando institucional de que isso é uma coisa importante a ser feita. Não é uma coisa de... Não se faz planejamento como se fazia no passado, ou também na discussão que teve de manhã, fechado em um gabinete em quatro paredes, uma coisa autoritária. Não é mais assim, então a gente precisa pensar nas nossas instituições, na capacidade de fazer articulação e coordenação, tanto horizontal explanada, quanto com os estados. Eu acho que esse é o ponto que leva o que eu acho que é o mais importante da gente ressaltar nesse final de seminário.

**P/Robson Rung** **–** E alguém quer *(ininteligível)*

**P/Pessoa não identificada –** Acho importante essa fala do Leandro, eu só queria deixar o recado que a gente podia dar o seguinte, a gente vê assim na nossa *(ininteligível)*, a gente constrói alguns antagonismos que assim que eu acho que eles não são reais assim, por exemplo, a agenda da gestão e a agenda do desenvolvimento. Eu sou simpático, acho que a agenda de gestão tem um peso importante. É lógico que ela, ela tem que servir para um desenvolvimento e tal. E é mais ou menos isso assim, eu acho que é só pensar... A SPI não pode pensar em carreira solo nesse ponto, acho que ela tem que um programa da metodologia atual. É o simples fato, eu acho, de ela ter sido produzida internamente ali na SPI, por uma questão de contexto, de correr atrás do tempo do relógio, sei lá o que, porque, mas ela poderia estar muito mais sólida se ela tivesse sido feita um pouco a imagem semelhança daquela discussão que a gente fez para construir o diagnóstico de avaliação com o setorial junto. Houve tempo para isso, então nós vamos ter alguns prejuízos por não termos feito esse trabalho, da mesma forma que a gente pode até ter um... Nós temos algum tempo para pensar o próximo PPA, e acho que ela vai ser mais rica na medida em que tiver um certo calendário para essas discussão com as setoriais né... Acho que era isso mesmo.

**P/Robson Rung** **–** Então, agradecendo mais uma vez a todos da mesa, e dou por encerrado aqui a ultima mesa do seminário e agradeço o prestigio.

**P/Pessoa não identificada –** A Assecor agradece também os participantes desta mesa, a atenção de todos, e informamos que os certificados caso queiram, serão enviados via email, o email é assecor... Perdão, [comunicao@assecor.org.br](mailto:comunicao@assecor.org.br) está ali na tela. Então para o encerramento oficial, com a palavra o presidente da Assecor, senhor Eduardo Rodrigues.

**P/Eduardo Rodrigues –** Bom, o encerramento já foi feito né, eu só quero dar um recado. Uma colega nossa, eu acho que vocês conhecem, a Érica Uchoa, ela esta hospitalizada, está em estado bastante grave e na terça feira, às 11 horas, lá no auditório da SOF vai ter um culto ecumênico pelo estabelecimento da Érica Uchoa, então se a gente puder participar é importante, conversar com os colegas e vamos lá rezar pela Érica. Obrigado a todos pela participação nesse debate todo vai ser consolidado, vai ser difundido, e é mais uma semente para a gente avançar na carreira. Obrigado.

(pessoas falam ao fundo)